

FOUCAULT, LEITOR DE HUSSERL

FOUCAULT, LECTEUR DE HUSSERL

Fabiano de Lemos Britto*

RESUMO: As observações de Gérard Lebrun em torno da leitura que Michel Foucault faz da fenomenologia em *Les mots et les choses*, permitem demarcar amplamente a importância do pensamento de Husserl em sua trajetória filosófica. Importância que se apresenta duplamente: como questionamento em relação às pretensões do projeto fenomenológico que se constituiu no limiar do século XX, e como tentativa de demarcar o espaço dessa fenomenologia em relação à modernidade e à *Aufklärung*, que seria sua aurora. Conseqüentemente, ao se posicionar em relação a Husserl, Foucault nos permitiria entrever os propósitos e os procedimentos de seu próprio projeto filosófico.

PALAVRAS-CHAVE: Foucault. Husserl. Fenomenologia. Arqueologia do saber.

RESUMÉ: Les observations de Gérard Lebrun au tour de la lecture qui Michel Foucault donne de la phénoménologie dans *Les mots et les choses* nous permettent de cerner largement l'importance de la pensée de Husserl dans sa trajectoire philosophique. Importance qui se présente doublement : comme questionnement sur les prétensions du projet phénoménologique qui s'est constitué au seuil du XXème siècle, e comme essai pour cerner l'espace propre de cette phénoménologie en rapport avec la modernité et avec *l'Aufklärung*, qui serait son aube. Par conséquent, en se positionnant par rapport à Husserl, Foucault nous permettrait d'entrevoir les desseins et la démarche de son projet philosophique lui-même.

MOTS-CLÉS: Foucault. Husserl. Phénoménologie. Archéologie du savoir.

“... o poeta é o cão de seu tempo”

Elias Canetti

O arqueólogo é um homem em risco, um pensador à espreita das iminências. Os caminhos abertos pela arqueologia de Michel Foucault nos ensinam menos as importantes lições de coisas das obras de erudição que um saber ouvir, menos a garantia de um fundamento último e consistente do conhecer que um gosto pelos momentos quase intangíveis em que as vozes permanecem ainda mudas, o discurso ainda não se seguiu ao gesto da ordem que o precede. Debruçando-nos com essa intenção sobre os próprios textos de Foucault

* Doutorando em Filosofia-UERJ Contato: fabianolemos@gmail.com

impõe-se, então um cuidado: é preciso que nos ponhamos a ouvir os vetores silenciosos que atravessam, muitas vezes, decisivamente, esses escritos. É preciso não nos contentarmos com as associações fáceis, as classificações confortáveis, as evidências reconciliadoras. Escavar o solo das certezas – é essa a função, e talvez o jogo, do arqueólogo.

Compreender as consonâncias das pesquisas de Foucault com o pensamento de Nietzsche, Artaud, Bataille e Deleuze, por exemplo, constitui certamente um passo importante rumo ao projeto geral da arqueologia-genealogia. É no seu rastro que encontramos sempre a mesma presença do perigo, as mesmas proximidades com a violência. Mas, se por um lado, o próprio Foucault não cansou de ressaltar a importância desses pensadores em sua trajetória, por outro, não podemos assumir que seu trabalho tenha se desenhado somente a partir dessas afinidades – isso seria comprometê-lo com uma ingenuidade que certamente não é a sua, e deixar seu texto cair na armadilha festiva de figuras como um Foucault nietzscheano.

As descrições arqueológico-geneológicas de Foucault encontram também outros eixos na presença de filosofias menos óbvias. Assim, a problematização explícita da crítica kantiana em seus últimos textos¹ indica a pertinência de um questionamento sobre Kant que atravessa todo seu percurso filosófico, e que lança, inclusive, novas luzes sobre esse percurso. Se, portanto, abrimos mão de definir o pensamento de Foucault exclusivamente a partir de suas afinidades, um novo campo se abre e redimensiona os problemas de livros como *As Palavras e as Coisas*. É nesse campo que encontramos a fenomenologia de Edmund Husserl.

De fato, assim como o diálogo com a filosofia crítica atravessa os diversos momentos das pesquisas da arqueologia, também os problemas levantados pela fenomenologia – representada por Foucault, prioritariamente, na obra de Husserl – são retomados e analisados desde os primeiros textos sobre psicologia das décadas de 50 e 60, até os artigos sobre a *Aufklärung* e a Crítica, dos anos 70 e 80. Na verdade, encontramos já no primeiro texto publicado por Foucault – uma introdução a sua própria tradução do texto *Sonho e existência*, de Binswanger, em 1954 – uma análise da primeira e da sexta investigação das *Investigações Lógicas* de Husserl. Nos últimos anos de vida, seu interesse se voltou para as questões erguidas em *A crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental*, e outros textos afins. Contudo, diferentemente do caso de Kant, não podemos apontar nenhum texto em que

¹ Notadamente em “Qu’est-ce que la Critique? [Critique et *Aufklärung*]”, de 1978, e nos dois textos intitulados “Qu’est-ce que les Lumières?”, ambos de 1984.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 38-50
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------

Foucault trate especificamente da fenomenologia, o que nos entrega a um trabalho mais cuidadoso de descobrir uma leitura lá mesmo nas múltiplas formas que impõe sua dispersão.

“Pertencem a uma geração cujo horizonte da reflexão era definido por Husserl, de uma maneira geral, mais precisamente Sartre, e mais precisamente ainda, Merleau-Ponty”², lembra Foucault em 1968, ano em que os intelectuais foram chamados a assumir suas filiações. De fato, os cursos pronunciados por Merleau-Ponty na École Normale entre 1947 e 1952 foram assiduamente acompanhados por Foucault. Pode-se dizer mesmo que a leitura que Foucault faz de Husserl é, em grande parte, devedora da leitura de Merleau-Ponty – como, por exemplo, nas aulas do ano letivo de 1951-1952 sobre as “ciências do homem”.³

Ao analisar a posição de Foucault diante da fenomenologia husserliana em *As Palavras e as Coisas*, Gérard Lebrun nos aponta essa divisa: “como se observou, *As Palavras e as Coisas* visam corretamente o pensamento de Merleau-Ponty, mas o autor parece assumir que Merleau-Ponty exprime a verdade de Husserl – o que é, sabemos, muito discutível”.⁴ Independente dessas objeções, absolutamente pertinentes, o essencial na leitura de Foucault reside em outro lugar. Essa leitura, enquanto Foucault não tem a pretensão de se autoproclamar especialista em Husserl, não constitui exatamente uma crítica aos pressupostos da fenomenologia, a não ser se, antes, ela é vista como uma tentativa de descrever as condições em que esse tipo de pensamento pôde surgir, e uma demarcação dos procedimentos da pesquisa arqueológica frente aos métodos da fenomenologia em geral. Assim, Lebrun continua sua análise indicando três teses que o texto de *As Palavras e as Coisas* deixariam apreender em torno da fenomenologia de Husserl. Essas três teses explicitadas por Lebrun podem nos servir como uma espécie de guia na leitura tão dispersa de Foucault. É, portanto, nesse sentido, que as empregamos aqui, o que nos permite extrapolar os limites da análise de Lebrun, considerando outros textos além de *As Palavras e as Coisas*, e mesmo acrescentando uma quarta tese que tentaria assinalar, por fim, como a tomada de posição da arqueologia diante de Husserl descreve certas divisas e ajudam a determinar os motivos que atravessam o pensamento de Foucault enquanto projeto.

² DE I, 55, 667. Essa forma de citação, que utilizaremos de agora em diante, representa FOUCAULT, M. *Dits et écrits*, 4 vol., Paris: Gallimard, 1994, seguido pelo volume, o número do texto e a página em que se encontra.

³ Sobre essa cronologia, cf. ERIBON, D. *Michel Foucault*, São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 46 e ss.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 38-50
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------

Primeira tese – “A fenomenologia não estava à altura de compreender o discurso clássico”.⁵

Isso sob dois aspectos que se reportam, ambos, à distinção metodológica entre arqueologia e fenomenologia.

Primeiramente, o que Husserl vai analisar como sendo o novo paradigma do racionalismo será “a mudança da forma da matemática”⁶, a partir da qual se funda a modernidade. Essa mudança, para Foucault, será apenas o efeito de uma ruptura mais profunda, propriamente epistemológica. O segundo capítulo da *Krisis* traça os limites desse novo tempo. Ao conhecimento geométrico euclidiano, orientado por um “a priori que se fecha de modo finito”⁷, a modernidade vai opor uma abertura irrevogável do universo, justamente porque passa a conceber a “idéia de uma totalidade racional infinita, sistematicamente dominada por uma ciência racional”⁸. Para Husserl, a aurora de nossa modernidade se anuncia na voz de Galileu, primeiro pensador dessa mudança, no momento em que a natureza se apresenta como um *Universum* matematizado e infinito. Por sua vez, a matematização repousa sobre esse outro princípio, o da “arte da medida”, cuja intenção Husserl define como “elaborar sistematicamente um método de medida para a determinação objetiva das formas, em uma progressão constante enquanto “aproximação” das formas geométricas ideais, das formas-limites”⁹. A ciência moderna se institui como tal, portanto, a partir do momento em que encontra na natureza um índice que a torna matematizável, daí o privilégio da medida – entendido não como *quantum* relativo, mas como “evidência apodítica”¹⁰. E, se Descartes foi o grande “gênio fundador original do conjunto da filosofia moderna”¹¹, isso se deu precisamente por ele ter levado às últimas conseqüências a arte da medida galileana,

⁴ LEBRUN, G. “Note sur la phenomenologie dans *Les mots et les choses*” in *Michel Foucault philosophe: Rencontre internationale*. Paris 9, 10 11 janvier 1998, Paris: Éditions du Seuil, 1989., pp. 44-45.

⁵ LEBRUN, G. “Note sur la phenomenologie dans *Les mots et les choses*” in *Michel Foucault philosophe: Rencontre internationale*. Paris 9, 10 11 janvier 1998, Paris: Éditions du Seuil, 1989, p. 34.

⁶ HUSSERL, E. *La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendentale*, Paris: Gallimard, 1976, § 8, p. 25. Citada de agora em diante como *Krisis*.

⁷ *Krisis*, § 8, p. 26.

⁸ *Krisis*.

⁹ *Krisis*, § 9b, p. 33.

¹⁰ *Krisis*, § 17, p. 88.

¹¹ *Krisis*, § 16, p. 85.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 38-50
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------

projetando “uma filosofia enquanto matemática universal”¹², cujo índice ou medida se encontrava na certeza do *cogito*.

O afastamento dessa leitura em *As Palavras e as Coisas* é exemplar. Apoiando-se no texto das *Regras para a orientação do espírito*, de Descartes, Foucault pretende mostrar que o discurso cartesiano só deriva o predomínio do matematizável nas ciências como consequência de uma ruptura epistemológica que o antecede, que é mesmo sua condição. A *mathesis universalis* cuja invenção Husserl atribui a Descartes e a Galileu como fundadores de uma época, indentificando-a ao calculável, Foucault compreende como o modo geral da ordem do pensamento na época clássica – ainda em recuo em relação à modernidade – que também não se reduz à medida, mas é uma nova relação com a *ordem*, no sentido específico em que se desdobra como *série*. As *Regras* de Descartes têm, em *As Palavras e as Coisas*, a função estratégica de demonstrar como todo o discurso clássico está condicionado por esse projeto de uma ciência geral da ordem, entendida como expressão não-quantitativa da série¹³. Ora, o que Descartes nos diz na Regra VI pode ser indicado como o princípio dessa leitura de Foucault que ultrapassa o próprio texto:

Para distinguir as coisas mais simples das mais complexas e prosseguir ordenadamente na investigação, é necessário, em cada série de coisas em que diretamente deduzimos algumas verdades umas das outras, notar o que é mais simples e como todo o resto dele está, mais ou menos, ou igualmente afastado¹⁴.

E, mais adiante, na Regra XIV: “a dificuldade, que se relacionava com o problema da medida, depende apenas da ordem”¹⁵. Se a ordem do cogito era o passo fundador do método cartesiano, por sua vez, todo seu proceder, seu desdobramento, só é possível com o estabelecimento dessa série. A verdade do mundo não se revela imediatamente matemática. O que Descartes pretende é a ordem, a *mathesis universalis* no sentido amplo, ou, como esclarece Michelle Beyssade, “extrair da matemática ordinária um método totalmente puro, separado da sua aplicação às figuras e aos números que são seu “revestimento””¹⁶. Não é o cálculo ou a medida, mas a série e a Ordem que, ao entrarem no campo epistemológico, anunciam a nova época – que, para Husserl, já era a modernidade, e para Foucault ainda

¹² *Krisis*, § 16, p. 85.

¹³ Cf. FOUCAULT, M. *Les mots et les choses*, Paris: Gallimard, 1966, pp. 64-72.

¹⁴ DESCARTES, R. *Regras para a orientação do espírito*, Lisboa: Edições 70, 1989, VI, p. 33.

¹⁵ DESCARTES, R. *Regras para a orientação do espírito*, Lisboa: Edições 70, 1989, XIV, p. 102.

¹⁶ BEYSSADE, M. *Descartes*, Lisboa: Edições 70, 1986, p. 26.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 38-50
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------

tratava-se da época clássica. A fenomenologia, sempre na busca pelo momento originário, assumiu como fundamento da modernidade o cogito que fundava o método, e ignorou que era a partir do procedimento desse último que todo o discurso clássico se produziu. Dissemos *todo* o discurso clássico, e aqui chegamos ao segundo aspecto que separa *As Palavras e as Coisas* e a *Krisis*.

Ao longo de todo seu texto, Husserl ocasionalmente aponta personalidades que teriam sobre sua cultura uma influência incomparável, como fundadores, predecessores, antecipadores: os gênios originais de Galileu, Descartes, Kant, por exemplo. Como se observa no parágrafo 16:

As idéias da nova matemática, as da nova ciência da natureza, da nova filosofia, estavam no caso que estão, geralmente, todas as idéias que conhecem grande desenvolvimento: tais idéias vivem na consciência das personalidades que funcionam como portadoras-do-desenvolvimento, segundo modalidades noéticas muito diversas. Às vezes se desenvolvem como instinto, sem que essas pessoas sejam minimamente capazes de se dar conta daquilo a que tendem; às vezes, elas se desenvolvem como resultado de uma observação mais ou menos clara; às vezes elas aparecem como objetivos, definidos concretamente ou não, e que, eventualmente, podem se transformar pela renovação da reflexão em objetivos sempre mais precisos¹⁷.

Esse procedimento é, contudo, absolutamente estranho à arqueologia de Foucault. Preocupada em descrever as condições epistemológicas de emergência e de funcionamento de positivities determinadas dentro de uma cultura, a arqueologia entende tanto Galileu e Descartes quanto Kant, Hegel, Nietzsche, e mesmo a si própria, como parte de um sistema geral de pensamento. A *mathesis universalis* não é exclusividade, e muito menos invenção da obra cartesiana; é, antes, “um fenômeno geral da cultura do século XVIII – mais geral que a fortuna singular do cartesianismo”¹⁸. A época clássica se circunscreve mais amplamente por essa tentativa incansável de se atingir uma ciência rigorosa da ordem; e, nesse espaço então demarcado, encontramos o surgimento de empiricidades, que nada, ou quase nada, apresentam de estritamente matemático. A *série*, na análise de Foucault, é o que ocupa fundamentalmente o espaço clássico. Pode ser identificada nas elaborações da Gramática de Port-Royal que visavam a uma taxonomia universal; implica, igualmente, a exigência de uma continuidade da natureza por toda a História Natural. Tal leitura só é possível porque a arqueologia substitui o privilégio da personalidade pelo conceito de *a priori histórico*, a que

¹⁷ *Krisis*, § 16, pp. 85-86.

¹⁸ FOUCAULT, M. *Les mots et les choses*, Paris: Gallimard, 1966, p. 71.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 38-50
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------

Lebrun denomina “parafenomenológico”¹⁹, e que aparece em *Arqueologia do saber* como “condição da realidade para enunciados”²⁰, um modo de ser próprio de uma determinada cultura, que condiciona o aparecimento dos discursos.

Segunda tese – “A fenomenologia não estava à altura de render justiça a Kant”²¹.

Seguindo de perto o estudo de Lebrun podemos dizer – de uma maneira certamente consonante com o trabalho de Foucault – que render justiça a Kant significa encontrar não a originalidade de sua obra, mas a maneira singular pela qual essa obra pôde articular e expressar uma mudança epistemológica maior, sob a qual se subsumia. Sem perdermos de vista as múltiplas e complexas leituras que Foucault faz de Kant em suas pesquisas, podemos afirmar, esquematicamente, que, para a arqueologia, a filosofia kantiana representa um papel duplo diante da modernidade: inaugura uma nova ordem do pensamento, na medida em que exprime, pela primeira vez, o problema da condição de emergência do sujeito como duplo empírico-transcendental, e, ao mesmo tempo, investe a reflexão filosófica com a tarefa infinita de se voltar sobre si mesma, de proceder conforme a divisa da *Aufklärung*, o *sapere aude*, a coragem da crítica²². Encontramos na crítica kantiana os dois eixos em torno dos quais a modernidade não pôde deixar de girar – de um lado, a questão das condições de um conhecimento verdadeiro, uma “analítica da verdade”²³; de outro, uma atitude, um *ethos* filosófico originário desse acontecimento que foi a *Aufklärung*, uma ontologia crítica de nós mesmos e de nossa atualidade. Desse modo, uma longa tradição que se seguiu a Kant, e que se ressentiu da irrecuperável cisão entre natureza e liberdade que o kantismo promoveu, não se afastou tanto assim deste ao produzir outra analítica da verdade, porque, por outro lado, de Hegel a Adorno, de Fichte ao próprio Husserl, ela se inscreve numa tradição de crítica permanente, abrindo sempre a possibilidade de um recuo mais profundo. Mas não nos enganemos tentando encontrar em Kant a figura de um fundador, que não é a sua. Sua

¹⁹ LEBRUN, G. “Note sur la phenomenologie dans *Les mots et les choses*” in *Michel Foucault philosophe: Rencontre internationale*. Paris 9, 10 11 janvier 1998, Paris: Éditions du Seuil, 1989, p.37.

²⁰ FOUCAULT, M. *L’archéologie du savoir*, Paris: Gallimard, 1969, p. 167.

LEBRUN, G. “Note sur la phenomenologie dans *Les mots et les choses*” in *Michel Foucault philosophe: Rencontre internationale*. Paris 9, 10 11 janvier 1998, Paris: Éditions du Seuil, 1989, p. 34.

²² Cf. KANT, I. *Resposta à pergunta “O que é o esclarecimento?”* in *Textos seletos*, Petrópolis: Vozes, 1974, Ak 35.

²³ *DE IV*, 351, 687.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 38-50
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------

filosofia é a expressão de uma configuração do pensamento que, como no caso de Descartes e da época clássica, o ultrapassa completamente.

Husserl não podia admitir essa amplitude do pensamento de Kant. As relações da fenomenologia com a crítica kantiana – particularmente em seu desdobramento como teoria do conhecimento – são, de fato, também muito complexas para serem esgotadas aqui. O que, contudo, certamente se pode apreender da leitura da *Krisis* é a responsabilidade que Husserl atribui a Kant na perpetuação e na radicalização daquilo que denomina o *erro do objetivismo*. Erro que, inclusive, tem sua origem ainda mais recuada em Descartes, “no interesse que Descartes tem, em primeiro lugar, quanto ao objetivismo”²⁴. Tanto as *Meditações* cartesianas quanto a *Crítica da Razão Pura* assumiram prontamente a existência de um mundo exterior ao *ego*, erro que é a raiz da crise da ciência e da humanidade européias. “Kant está completamente certo de que sua filosofia conduz à ruína do racionalismo dominante”, lembra Husserl. Entretanto, essa ruína não se faz até as últimas conseqüências, uma vez que ele assume, tal qual Descartes, a evidência de um mundo no qual o *ego* viria se instalar, deixando de lado “um solo de pressuposições inquestionadas”²⁵. Poderíamos afirmar que, em Husserl, Kant encontra um privilégio negativo: ele perpetua um erro cartesiano que se alastra por toda a modernidade. Em certa medida, e a partir de um dado momento, esse erro vai servir mesmo como parâmetro de uma modernidade degradada, imersa na crise por ter se desviado do projeto de investigação subjetiva da razão. É interessante notar que, desse modo, se a *Aufklärung* significou para Foucault, com Kant, um momento fundamental na constituição positiva de nossa modernidade, para Husserl, ela marca um ponto de inflexão na trajetória do pensamento moderno em que “a forma evolutiva que tomou a *ratio* como racionalismo” degredou em “uma aberração, embora uma aberração compreensível”²⁶.

Terceira tese – “A fenomenologia acreditava ser a retomada de um projeto muito antigo, embora fosse apenas a *filha de seu tempo*”²⁷.

O projeto cartesiano não pôde ser levado adiante porque aquilo que nele havia de erro não foi superado, ou, antes, foi radicalizado. A razão se tornou uma aberração ao assumir

²⁴ *Krisis*, § 19, p.94.

²⁵ *Krisis*, § 28, p. 118.

²⁶ HUSSERL, E. *A crise da humanidade européia e a filosofia*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, II, p. 84.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 38-50
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------

ingenuamente pressupostos, ao ignorar a verdade egológica, de que o mundo circundante (*Umwelt*) “tem seu lugar exclusivamente na esfera espiritual”²⁸, e que, portanto, não pode ter uma independência evidente. Foi o alastramento dessa crença objetivista que instaurou a crise. A fenomenologia de Husserl se atribui, com esse diagnóstico, uma função assumidamente heróica: somente ela é capaz de se “liberar de pressupostos objetivistas escamoteados”²⁹ ou promover o “renascimento da Europa a partir do espírito da filosofia, mediante um heroísmo da razão que triunfe definitivamente sobre o naturalismo”³⁰. A fenomenologia transcendental deveria ser, tal qual o hegelianismo pretendia um século antes, a saída e a redenção da Europa cansada. Para tanto, era preciso se impor como tarefa o reencontro com o *cogito* de Descartes, em seu momento puramente subjetivo ou espiritual, reconciliado com o motivo transcendental em kantiano. Nota-se, portanto, a grandiosidade da missão.

Mas talvez o intumescido heroísmo de Husserl deixe na sombra os elos que o unem ao seu tempo e as lacunas de um sistema com tantas pretensões. A arqueologia de Foucault não se ocupa de apontar os erros de um sistema de pensamento, mas Lebrun nos chama a atenção para o fato de Husserl assumir, tanto quanto Kant, uma série de pressupostos inquestionados, ainda que essa inquestionabilidade ganhe o estatuto de apoditicidade para a fenomenologia. Mas é sob outros dois aspectos que a arqueologia pode identificar a pertinência da pesquisa de Husserl às exigências da *épistémè* moderna.

Primeiramente, e de forma bastante explícita, a fenomenologia é, antes de tudo, uma crítica. – se encontra, portanto, nos limites desse *ethos* moderno que ousa saber, como pedia a *Aufklärung*. Mas sua filiação nesse sentido também se dá somente na medida em que se abre um novo campo epistemológico geral, justamente a partir do deslocamento operado pela crítica kantiana entre o saber empírico e a reflexão filosófica. À continuidade unificadora de uma *mathesis universalis* da época clássica, a modernidade opõe “o problema das relações entre o campo formal e o campo transcendental (...), entre o domínio da empiricidade e o fundamento transcendental do conhecimento.”³¹. Somente dada essa ruptura é que a modernidade pode proceder por um movimento de recuo em relação ao real, rumo aos princípios que põem em questão a própria possibilidade da ciência. Esse movimento é,

²⁷ LEBRUN, G. “Note sur la phenomenologie dans *Les mots et les choses*” in *Michel Foucault philosophe: Rencontre internationale*. Paris 9, 10 11 janvier 1998, Paris: Éditions du Seuil, 1989, p.34.

²⁸ HUSSERL, E. *A crise da humanidade européia e a filosofia*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, I, p. 68.

²⁹ *Krisis*, § 73, p. 301.

³⁰ HUSSERL, E. *A crise da humanidade européia e a filosofia*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, III, p. 96.

³¹ FOUCAULT, M. *Les mots et les choses*, Paris: Gallimard, 1966, p. 260.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 38-50
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------

segundo Foucault, impensável na época clássica, quando o saber unificado pela exigência geral da ordem e da série tornava estranha, tanto para Descartes quanto para Leibniz, a idéia de uma filosofia apartada da ciência, mesmo fundadora desta. Mas o projeto fenomenológico de Husserl se encontra totalmente circunscrito nesse espaço propriamente moderno, onde o empírico e o transcendental só podem estabelecer suas tensas relações no âmbito de uma irremediável separação. Daí lembra Foucault:

“Vê-se como a tarefa fenomenológica que Husserl se colocará bem mais tarde está ligada, das mais profundas de suas possibilidades e impossibilidades, ao destino da filosofia ocidental tal qual foi estabelecido desde o século XIX. Ela tenta, com efeito, ancorar os direitos e os limites de uma lógica formal em uma reflexão de tipo transcendental, e de ligar, por outro lado, a subjetividade transcendental ao horizonte implícito dos conteúdos empíricos, que somente ela tem a possibilidade de constituir, de manter, e de abrir a explicitações infinitas”³².

Em segundo lugar, e ainda como conseqüência da abertura de um novo campo entre o empírico e o transcendental – que passa a ser precisamente o campo do humano – a fenomenologia não pode deixar de ser uma analítica da finitude. Nessa analítica Foucault identificará aquilo que chama de “o sono antropológico” dos modernos. Se a crítica conseguiu despertar Kant – e, com seus ecos, todos nós – do sono dogmático, a analítica da finitude humana fez o pensamento adormecer sob o peso da Antropologia. Na ansiedade pouco disfarçável de responder à pergunta kantiana “O que é o homem?”³³, nós, modernos, encontramos nossa finitude e a exigência – já não mais kantiana – de fazer convergir o empírico e o transcendental:

“A configuração antropológica da filosofia moderna consiste em duplicar o dogmatismo, em reparti-lo em dois níveis diferentes que se apóiam um sobre o outro se limitam um pelo outro: a análise pré-crítica do que é o homem em sua essência se torna a analítica de tudo o que pode se dar em geral à experiência do homem”³⁴.

Assim, apesar de todo o interesse que Husserl depositou em temas metafísicos, é em suas análises da intencionalidade da consciência que Foucault resgatará esse motivo tão caro a nós desde Kant, que é o da analítica da finitude do homem. A fenomenologia transcendental encontra-se, portanto, muito aquém do horizonte independente que desenhou para si mesma.

³² FOUCAULT, M. *Les mots et les choses*, Paris: Gallimard, 1966, p. 261.

³³ KANT, I. *Lógica*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992, Ak 25.

³⁴ FOUCAULT, M. *Les mots et les choses*, Paris: Gallimard, 1966, p. 352.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 38-50
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------

Encontra-se, pelo contrário, em um solo que, a gosto ou contragosto, não pode mais levá-la a Descartes, mas a faz encontrar Kant. Há, em *As Palavras e as Coisas*, toda uma tentativa de fazer ver que a fenomenologia, com toda a crítica ao psicologismo e ao objetivismo, articula certos pressupostos insondáveis que a ligam incontornavelmente a uma tradição que se inaugura com Kant. Esse laço tão firmemente amarrado pode ser lido através da análise do vivido em Husserl, que nada mais faz que reintegrar o tema da finitude na análise fenomenológica.

* * *

Ora, as três teses de Lebrun nos ajudam a retrair, entre as distinções metodológicas entre a arqueologia e a fenomenologia a leitura que Foucault faz de Husserl. Lebrun nos fornece, assim, uma base para determinar até que ponto o projeto geral das pesquisas de Foucault se impõe também como uma resposta ao projeto geral da fenomenologia. Lançamos, assim, uma quarta e última tese, dessa vez mais ampla.

Quarta tese – A descrição arqueológico-genealógica que Foucault faz do sujeito comporta, entre outros tantos elementos, um afastamento da questão do *sentido* conforme abordada na fenomenologia.

Em diversos textos, principalmente dos últimos anos de sua vida, Foucault afirma que todo o conjunto de suas pesquisas se orientam a partir da tentativa de empreender uma genealogia do sujeito.³⁵ A preocupação central dessa genealogia seria instituir a possibilidade de abordar seu objeto de um modo distinto daquele que os sistemas filosóficos até então o fizeram. Para isso, Foucault dedicou grande parte de sua pesquisa ao estudo desses sistemas – a já mencionada avidez com que acompanhava os cursos de Merleau-Ponty sobre Husserl assinala bem esse interesse. Durante sua formação acadêmica, as grandes alternativas para se pensar o problema do sujeito – e, por consequência, o do homem – eram a recente epistemologia francesa (Bachelard, Canguilhem), o existencialismo (Sartre, Heidegger) e a fenomenologia (Husserl). O que todos esses sistemas traziam em comum era a apreensão crítica da questão do *sentido*; questão que, na conferência pronunciada em maio de 1978

³⁵ Cf., por exemplo, DE IV, 306, 222 e DE IV, 356, 708.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 38-50
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------

diante da Sociedade Francesa de Filosofia, que recebeu o título “Qu’ est-ce que la critique?”, Foucault afirma ter sido a via de acesso da atitude filosófica da *Aufklärung* na França:

“(…) é da fenomenologia, e dos problemas colocados por ela, que nos chegou a questão sobre o que é a *Aufklärung*. Ela nos chegou, com efeito, a partir da questão do sentido e do que pode constituir o sentido (...). Não podemos esquecer que *A Náusea* [de Sartre] é quase um mês contemporânea da *Krisis*”.³⁶

No caso da fenomenologia, o sentido, ao ser englobado pelos mecanismos egológicos da consciência, acaba por trazer o sujeito para o campo da analítica da finitude, como já apontamos, o apaziguaria no sono antropológico. O problema que se coloca para a descrição arqueológico-genealógica do sujeito é bem outro. Em 1954, o primeiro texto publicado de Foucault – uma introdução à sua tradução de *Sonho e existência*, de Bisnwanger – já anunciava um afastamento:

“a fenomenologia pretendeu falar as imagens, mas ela não deu a ninguém a possibilidade de empreender sua linguagem. Pode-se definir, sem muito risco de erro, esse problema como um dos temas maiores da análise existencial”.³⁷

Husserl teria, portanto, falhado, se quisesse instituir um sistema significante, já que oscilava entre a análise do vivido e a busca de um sujeito fundador. Lá onde Husserl insistia para que aguçassemos os ouvidos não escutávamos nada além de nossas próprias vozes. Esse sistema de significantes é o avesso de uma pesquisa sobre o sujeito, e é para ele que se volta o trabalho de Foucault. Como alternativa para a questão do sentido, conforme a apreendera o horizonte filosófico do pós-guerra, Foucault propõe outro trabalho, que, em um manuscrito inédito, citado por Frédéric Gros em sua apresentação da edição de *A hermenêutica do sujeito*, curso que Foucault pronunciara no Collège de France em 1982, é descrita como a tentativa de “recolocar o sujeito no domínio histórico das práticas e dos processos no qual ele não cessou de se transformar”.³⁸ E Foucault, adiante, nesse mesmo manuscrito, se posiciona mais claramente:

“É por esse caminho que segui. Afirmando, portanto, com a necessária clareza, que não sou um estruturalista, e, com a

³⁶ FOUCAULT, M. “Qu’ est-ce que la critique? [Critique et *Aufklärung*]” in *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, 84e année, juin 1990.

³⁷ DE I, 1, 79.

³⁸ Manuscrito inédito, citado por GROS, F. “Situação do curso” in FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do sujeito*, São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 636.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 38-50
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------

devida vergonha, que também não sou um filósofo analítico. “*Nobody is perfect*”. Assim, procurei explorar o que poderia ser uma genealogia do sujeito, mesmo sabendo que os historiadores preferem a história dos objetos, e que os filósofos preferem o sujeito sem história. O que não me impede de me sentir em parentesco empírico com o que chamamos de historiadores das “mentalidades”, e em dívida teórica para com um filósofo como Nietzsche, que colocou a questão da historicidade do sujeito. (...) tratava-se, também, de substituir o princípio de transcendência do ego pelas formas da imanência do sujeito”.³⁹

Husserl serve de limite externo para Foucault, que deverá se impor uma tarefa diametralmente oposta à da fenomenologia: dessubjetivar o sujeito. Essa tarefa, certamente, nos remete a Artaud, a Bataille, a Nietzsche, a Blanchot e a Barthes, mas ela não poderia ser empreendida se antes um domínio não se anunciasse como problemático. Domínio onde encontramos Kant, Heidegger e Husserl. O campo de trabalho da arqueologia, do mesmo modo que não pode ser resumido no empobrecido esquema das “fases”, também não admite qualquer partidarismo fácil, por mais tentados que fiquemos a cair nesse outro sono, talvez definitivamente.

Referências

- BEYSSADE, M. *Descartes*, Lisboa: Edições 70, 1986.
- DESCARTES, R. *Regras para a direcção do espírito*, Lisboa: Edições 70, 1989.
- ERIBON, D. *Michel Foucault*, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do sujeito*, São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____, *Dits et écrits*, 4 vol., Paris: Gallimard, 1994.
- _____, *L'archéologie du savoir*, Paris: Gallimard, 1969.
- _____, *Les mots et les choses*, Paris: Gallimard, 1966.
- _____, “Qu’est-ce que la critique? [Critique et Aufklärung]” in *Bulletin de la Société Française de philosophie*, 84e. année, juin, 1990.
- HUSSERL, E. *A crise da humanidade européia e a filosofia*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- _____, *La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendentale*, Paris: Gallimard, 1976.
- KANT, I. *Lógica*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.
- _____, “Resposta à pergunta: O que é o esclarecimento?” in *Textos seletos*, Petrópolis: Vozes, 1974.
- LEBRUN, G. “Note sur la phénoménologie dans *Les mots et les choses*” in *Michel Foucault philosophe: Rencontre internationale*. Paris 9, 10 11 janvier 1998, Paris: Éditions du Seuil, 1989.

³⁹ Manuscrito inédito, citado por GROS, F. “Situação do curso” in FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do sujeito*, São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 636.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 38-50
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-----------